



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ISABELA CLAUDIO ALVES DE SOUZA

**LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

GUARABIRA-PB

2016

ISABELA CLAUDIO ALVES DE SOUZA

**LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Vanusa Valério dos Santos.

**GUARABIRA-PB
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586I Souza, Isabela Claudio Alves de

Leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.
/ Isabela Claudio Alves de Souza - Guarabira: UEPB, 2016.
53 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.

"Orientação Profa. Esp. Vanusa Valério dos Santos."

1. Práticas. 2. Leitura. 3. Escrita. 4. Docência. I. Título.

22.ed. CDD 372.62

ISABELA CLAUDIO ALVES DE SOUZA

LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura
Plena em Pedagogia.

Aprovada em: 07/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Vanusa Valério dos Santos

Prof.^a Esp. Vanusa Valério dos Santos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Débora Regina Fernandes Benício

Prof.^a Me. Débora Regina Fernandes Benício
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Taíses Araújo da Silva Alves

Prof.^a Dr.^a Taíses Araújo da Silva Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus familiares em especial meus pais,
minha irmã e meu querido esposo Jonas da Cruz
de Souza que não mediram esforços em estar
ao meu lado sempre, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me ajudado dia pós dia a enfrentar todas as dificuldades que surgiam no decorrer do curso, me concedendo forças e inspiração para alcançar minha tão sonhada formação acadêmica.

Ao meu amado esposo, Jonas da Cruz de Souza, que esteve presente, bem como, pelas demonstrações de cuidado, atenção, paciência e compreensão cotidiana.

À minha joia preciosa, mamãe Maria Edinalva Claudio Alves, pelos ensinamentos, conselhos e apoio constante diante de toda trajetória escolar que percorri até hoje.

Ao meu pai, Ivan Soares Alves, pelas belíssimas palavras que me impulsionaram a seguir em frente de cabeça erguida com a certeza de que tudo daria certo.

À minha irmã Isadora Claudio Alves por me ouvir quando mais precisei.

Aos meus avós maternos, Geralda Francisca Claudio e Joaquim Claudio Sobrinho (*in memoriam*), que esteve ao meu lado no início dessa jornada como um grande e inesquecível homem.

Aos meus avós paternos Maria Soares Alves e José Alves Sobrinho.

A todos meus familiares que me acompanham desde criança, em especial minha tia Maria Eunice Claudio que se tornou para mim, verdadeiramente, uma segunda mãe.

À minha brilhante orientadora Vanusa Valério dos Santos pelo incentivo e confiança sem medidas depositado a mim na construção desta monografia.

Aos mestres do Curso de Licenciatura Plena Pedagogia da UEPB, que contribuíram direta e indiretamente para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Quero estender meus agradecimentos as minhas colegas de classes pelo companheirismo e amizade.

O saber a gente aprende com os mestres
e com os livros. A sabedoria, se aprende
é com a vida e com os humildes.

Cora Coralina

RESUMO

A discussão sobre leitura e escrita desde os tempos remotos tem sido crescente, uma vez que, as instituições de ensino em sua maioria, visam o desenvolvimento de atividades fundamentais para promover a aprendizagem do discente, embora, seja notável a necessidade de conduzir conhecimentos coerentes, os quais demonstrem compreensões de que elas são ferramentas indispensáveis, e do mesmo modo instigantes, a ponto de despertar interesse no alunado. Com efeito, o referido trabalho de conclusão de curso é fruto de uma pesquisa a respeito da leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Portanto, é interessante analisá-las em suas dimensões e aplicações como instrumentos vitais ao contexto educacional, sobretudo no que compete o aprendizado dos educandos. Logo, esse estudo objetiva identificar de que forma a prática pedagógica do professor pode contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita em sala de aula e ao mesmo tempo identificar nessa realidade se há sugestões de estímulos em classe, com base para formação de bons leitores e escritores. Primeiramente, apontamos a contextualização história da leitura e da escrita embasadas em Manguel (1997), Cagliari (2009), Martins (2003). Em seguida, abordamos as práticas de leitura e escrita na escola fundamentada em Alves (1999), Teberosky e Colomer (2003). Seguidamente a leitura e escrita no processo de alfabetização concentrando-se na concepção de Russo (2012), Soares (2010), Teberosky e Ferreiro (1999) e finalmente o professor como incentivador da leitura e escrita mirando nos pensamentos de Solé (1998), Kato (2007), Nóvoa (1992). Como procedimentos metodológicos empregamos as pesquisas bibliográfica, documental e de campo. De imediato o instrumento empregado para o recolhimento de dados foi o questionário. Os resultados desta pesquisa apontam que a prática pedagógica do docente contribui para com a aprendizagem da leitura e da escrita e seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Práticas. Leitura. Escrita. Docência.

ABSTRACT

The discussion about reading and writing from remote times has been growing, since, educational institutions mostly focus on developing core activities to promote the learning of the student, though, is remarkable the need to conduct coherent knowledge, which demonstrate understanding that they are indispensable tools, and even provocative manner as to arouse interest in students. Indeed, that course conclusion work is the result of a survey about reading and writing in the early years of elementary school. Therefore, it is interesting to analyze them in its dimensions and applications as vital instruments to the educational context, especially in Racing the learning of students. Therefore, this study aims to identify how the pedagogical teacher practice can contribute to the development of reading and writing in the classroom and at the same time identify this reality if there is class in stimulus suggestions based for training good readers and writers. First, we point out the historical context of reading and writing informed in Manguel (1997), Cagliari (2009), Martins (2003). Then we discuss the reading and writing practices in school based on Alves 1999), Teberosky and Colomer (2003). Then reading and writing in the literacy process focusing on the design of Russian (2012), Soares (2010), Teberosky and Smith (1999) and finally the teacher as writing reading encourager and targeting the thoughts of Solé (1998) Kato (2007), Nóvoa (1992). As methodological procedure we used the bibliographic research, documentary and field. Immediately the instrument used for collecting data was the questionnaire. The results of this research show that the teaching of teaching practice contributes to the learning of reading and writing and development.

Keywords: Practices. Reading. Writing. Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A escrita cuneiforme em tábuas	15
Figura 2 – A escrita Ideográfica	15
Figura 3 – Entrada da escola campo	35
Figura 4 – As duas salas de aula	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO DA LITERATURA	13
2.1	Contextualização e história da leitura e escrita	13
2.2	Práticas de leitura e escrita na escola	17
2.3	Leitura e escrita no processo de alfabetização	21
2.4	O professor como incentivador da leitura e escrita	26
3	METODOLOGIA	31
3.1	Iniciando a pesquisa	34
3.2	Dados da pesquisa	36
3.3	Análise e discussão dos dados coletados	39
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	47
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS	49

1 INTRODUÇÃO

Atualmente as instituições de ensino têm demonstrado a necessidade de transmitir coerentemente conhecimentos sobre leitura e escrita, assim como compreendê-las enquanto práticas indispensáveis e motivadoras. Certamente por meio delas, os discentes sentirão gosto ao realizar atividades que as envolvam, de modo a valorizá-las. Em outras palavras, a aquisição da leitura e escrita em sala de aula, quando trabalhadas com êxito, propicia ao aprendiz diversas aprendizagens, como a mera capacidade de ler um texto, não por pura obrigação, mas, sim ser um autêntico leitor e escritor.

Em razão disto, o exercício de ler e escrever precisa ser bem mais explorado no âmbito escolar, já que, as escolas têm demonstrado uma atenção maior para com a escrita, e bem pouco com a leitura. Devemos lembrar também, que a figura do docente é significativa no que compete o desenvolvimento de ambas, pois, ele acaba sendo percebido como o “único” responsável pela instrução do saber. Conforme Cagliari (2009, p. 11) “Ao mesmo tempo é preciso que os professores que atuam nas escolas procurem aprofundar seus conhecimentos teóricos, desenvolvam o hábito de refletir sobre seu trabalho [...]”.

Essa maneira de entender o papel do professor expõe a precisão de que praticar leitura e escrita não é somente seguir padrões ou solicitar cópias, pensando que está ensinando bem. Diante disso, muitos se sentem confusos quando refletem a direção que está sendo tomada sua prática, outros se veem confiantes na transmissão de sapiência.

Contudo, à luz das ponderações expostas, apresentamos a seguinte indagação: De que forma a prática pedagógica do professor exerce influência no desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental? Em suma, o trabalho tem como finalidade estudar de que maneira a prática do docente colabora para com a aquisição da leitura e escrita e quais suas perspectivas acerca destas em sala de aula.

No contexto desta investigação, expomos as subseqüentes hipóteses: a prática pedagógica contribui com o desenvolvimento de leitores e escritores hábeis; a ausência de propostas de atividades que motivam os alunos cotidianamente a leitura

e escrita é fator decisivo para afastá-los dessa prática; o incentivo à leitura também fora da escola pode formar leitores competentes.

Logo, o objetivo geral foi identificar de que forma a prática pedagógica do professor pode contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. Dessa forma, os específicos foram: verificar na prática pedagógica dos docentes propostas que incentivem o gosto e o prazer pela leitura; caracterizar as condições didático-pedagógicas que influenciam a formação de bons leitores.

Nesta perspectiva, os objetivos foram dispostos enquanto geral, se estendendo ao trabalho como um todo e específicos que assinalam as atividades que o investigador precisou realizar para obter resultados. Conforme Gil (1946, p. 111) “Os objetivos gerais são pontos de partida, indicam uma direção a seguir, mas, na maioria dos casos, não possibilitam que se parta para a investigação”. De certo, os objetivos são determinantes para que o investigador possa alcançar seus propósitos de pesquisa.

Desta forma, a pesquisa se justifica pela forte influência dada ao tema, tal como; concepções ao ato de ler e escrever, atuação docente e suas colaborações, construções de práticas pedagógicas eficazes, informações em estudos sobre o fato de muitos brasileiros realizarem poucas leituras num ano, inclusive os conhecimentos de desdobramentos que nos permitiram refletir a falta de interesse dos alunos, incentivo e recursos na utilização de livros. Portanto, o trabalho exprimirá as relações inerentes ao assunto, entretanto, nos destinamos a entender o universo de sua aplicação, com base no exercício docente.

Portanto, nossas buscas sucederam-se por meio de pesquisa documental e bibliográfica, ao utilizar textos acadêmicos, livros, obras escritas, acervos eletrônicos, teses, que porventura colaboraram para colher documentos legais como o próprio Projeto político pedagógico (PPP) e regimento da escola, e a pesquisa de campo em que pretendemos alcançar resultados e informações dentro da realidade atual. Assim sendo, caracterizamos o estudo como exploratório e descritivo, simultaneamente tendo como forma de abordagem o caráter qualitativo.

Em virtude disto, em meio às técnicas empregadas, tivemos a necessidade de nos ancorar em Minayo (1994), Severino (2007), Gil (2010), Marconi e Lakatos (2003), Gil (1946), Gil (1999), Richardson (1999). Dessa forma, os referidos autores expõem abordagens essenciais, realçando os princípios propositais às perquisições aludidas.

Sendo assim, a pesquisa é estruturada, inicialmente com a introdução, seguido do referencial teórico, onde são dispostos a contextualização história da leitura e escrita fundamentadas em Manguel (1997), Cagliari (2009), Martins (2003), posteriormente práticas de leitura e escrita na escola baseadas em Alves (1999), Teberosky e Colomer (2003) e conseqüentemente leitura e escrita no processo de alfabetização centradas em Russo (2012), Soares (2010), Teberosky e Ferreiro (1999) e finalmente o professor como incentivador da leitura e escrita mirando Solé (1998), Kato (2007), Nóvoa (1992). Após o referencial metodológico, identificando esboço da investigação, a análise dos dados e/ou resultados. Em suma, considerações finais e referências de autores. Além do questionário como instrumento de coleta de dados localizado no apêndice.

Em resumo, a compreensão da leitura e escrita e de suas aplicações está estreitamente conexo aos professores, uma vez que, eles podem ser uma das figuras fundamentais para fornecer uma formação leitora e escritora nos alunos. Ao mesmo tempo é indispensável que as escolas e toda a comunidade escolar também possam unir forças para provocar o gosto por ambas práticas em sala de aula, deixando de lado essa concepção de que são apenas atividades impostas pelo processo de escolarização e/ou monótonas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

No que se refere à revisão da literatura, Marconi e Lakatos (2003 p. 248) evidencia que, “Consiste em uma síntese, a mais completa possível, referente ao trabalho e aos dados pertinentes ao tema, dentro de uma sequência lógica”. Ou seja: este item se fundamenta por meio de uma relação existente entre as pesquisas a respeito do estudo e os resultados dispostos no trabalho de forma mais clara e explicativa, auxiliadas também nas ideias dos autores as quais tomamos como base para justificar nossas concepções.

As reflexões contidas no presente capítulo dizem respeito à temática Leitura e Escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O referido tema, vem se destacando no contexto educacional como ferramentas de aprendizagem necessária, embora, seja de difícil compreensão.

2.1 Contextualização: história da leitura e escrita

A leitura e a escrita tem sido um dos principais objetos de estudos, desde a antiguidade até os dias atuais, haja vista uma dimensão de pesquisas relacionadas às mesmas no meio educacional e acadêmico, com ênfase em suas origens e dentre outros fatores. Historicamente, a ação de ler possui uma relação estrita com a história da humanidade, uma vez que, a leitura e também sua biografia, foram marcadas por concepções teóricas divergentes.

Consideremos inicialmente, que sua narrativa começou a ser pensada com a escrita em tempos remotos, originando formas de expressões orais ao se observar o que estava grafado, tomando como suporte o olhar, os gestos e uma série de percepções voltadas também para conhecimentos informais, e não da teoria. Costuma-se pensar que a leitura surgiu com a fala das pessoas.

Tal como o próprio ato de ler, uma história da leitura salta para a frente até o nosso tempo – até mim, até minha experiência como leitor - e depois volta a uma página antiga em um século estrangeiro

e distante. Ela salta capítulos, folheia, seleciona, relê, recusa-se a seguir uma ordem convencional (MANGUEL, 1997, p. 17).

Por essa razão, são unânimes as informações que dizem respeito a sua história como descrita de diversas formas, as quais nos fazem compreender a real diferença de como foi antes, para como vem sendo abordada nos dias de hoje. Uma vez que, o homem tomou para si, a necessidade de demonstrar suas formas de expressões através de pinturas em rochedos. Para Barbosa (2013, p.34) “A escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos”.

Certamente, o ato de escrever teve início quando o indivíduo começou a exprimir suas ideias com desenhos. Tendo em vista que, essas representações não continha um formato claro, o qual pudéssemos denominar de escrita acabada, já que, naquela época, ainda não havia letras, ou se quer o sistema alfabético.

A história da escrita vista no seu conjunto, sem seguir uma linha de evolução cronológica de nenhum sistema especificamente, pode ser caracterizada como tendo três fases distintas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética (CAGLIARI, 2009, p.91).

Essa forma de perceber a escrita pode estender-se também as etapas de desenvolvimento que ela percorreu em outrora. Inclusive, a primeira vem sendo esplanada pela exibição do homem ter idealizado seus pensamentos abstratos pela arte arcaica. Assim sendo, as demais fases serão pautadas no decorrer do texto.

Neste sentido, os registros por meio de desenhos e pinturas nas cavernas pré-históricas tornaram mais clara a existência das pessoas, expondo nas imagens a linguagem, progredindo, não só para a humanidade como para o mundo. Seria possível continuar fazendo mais reflexões sobre as pinturas, acerca da escrita cuneiforme.

Figura 1. Escrita cuneiforme



Fonte: <http://historiavivi.blogspot.com.br/2010/05/escrita-cuneiforme.html>

Assim sendo, a antiga escrita cuneiforme apresentada é uma forma de escrever, que limita sua produção para apenas pequenos tijolos de barro banhados, conforme vemos na figura acima, em que usavam uma espécie de caneta da parte lenhosa das árvores com o bico como se fosse instrumento de ferro.

Quanto a outra fase, mais conhecida por escrita ideográfica, ela foi avançando naturalmente, lembrando que, o ideograma aparentava demandar muita tranquilidade e detalhes que pareciam serem narrados cuidadosamente, ou seja, mais parecia exibir: um “empenho extraordinário” na execução dos símbolos.

Figura 2. Escrita Ideográfica



Fonte: <http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-para-aprofundar/348/a-construcao-da-escrita.html>

Observa-se nessa imagem, que os desenhos pareciam ser simples, enquanto formas exteriores com aspectos decorativos, vejamos que há animais como aves, e vegetais. Porém, ainda assim não era suficiente para a realidade daqueles povos, nisso, alguns rabiscos foram deixando de existir, sucedendo o aparecimento de uma série de letras a serem utilizada na linguagem.

Nesse sentido, é interessante percebermos que o alfabeto de antigamente não possuía a mesma configuração desse que conhecemos hoje em dia. A priori, é importante notar que inicialmente surgiram as cartilhas, enquanto livros elementares para ensinar as crianças a ler, pois, trazia traços distintivos do som da fala, expondo a precisão de estudar a fonética.

Posteriormente, nos séculos VII e V a.C. surgiu a escrita grega arcaica, apontando como novidade em 800 anos a.C., as vogais e similarmente alterando o alfabeto em vinte e quatro letras, quer dizer, dezessete consoantes e sete vogais. “Dadas as características das línguas semíticas, não era muito importante escrever vogais, sendo as palavras facilmente reconhecidas apenas pelas consoantes [...]” (CAGLIARI, 2009, p. 94-95). Fica claro aqui, que a escrita alfabética teve grandes modificações.

A escrita, seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural. A invenção do livro e sobretudo da imprensa são grandes marcos da História da humanidade, depois é claro, da própria invenção da escrita. Esta foi passando do domínio de poucas pessoas para o do público em geral e seu consumo é mais significativo na forma de leitura do que na produção de textos [...] (CAGLIARI, 2009, p.97).

De maneira histórica, a ação de escrever, realmente, é um modo de “reproduzir” pontos de vistas, sensações, impressões geral e particular a respeito de nossas vidas em quase todos os aspectos. Nesse prisma, a descoberta do livro e da prensa foram de extrema relevância para o desenrolar de todo o percurso que a escrita atravessou, bem como, a aprendizagem da leitura e escrita no processo de escolarização.

Frente aos fatos exibidos, sabe-se que outros recursos sucederam com relação ao desenvolvimento da leitura e escrita, inclusive, presentemente a tecnologia tem tomado conta do mundo com avanços perceptíveis. Com isso, alfabetizar fazendo

uso de práticas tradicionais tornou-se algo “fora de época”, devido, as crescentes exigências que a sociedade impõe.

Por conseguinte, não podemos pensar a leitura e escrita como instrumentos prontos, entretanto, devemos considerá-los importantes para nossas vidas, desde as atividades corriqueiras que precisamos realizar até as mais intensas nas escolas. “A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele”. (MARTINS, 2003, p.32). Interessante, esta percepção, porque, ao ver as entrelinhas do texto e as próprias palavras contidas, podem brotar no leitor amplos sentidos.

Partindo dessa perspectiva, acredita-se que, quando não lemos, ficamos impossibilitados de fazer descobertas quem sabe de si mesmo, e do mundo, desperdiçando oportunidades de melhorar o modo de falar, escrever, decifrar com aptidão e por decorrência argumentar ideias bem fundamentadas e dentre outras habilidades.

2.2 Práticas de leitura e escrita na escola

O trabalho com leitura e escrita em sala de aula, deve ser constante. A utilização de atividades que envolvam o ato de ler e escrever pode ser proporcionada de diversas formas. Primeiramente, temos como a principal delas, as práticas de leitura e escrita, onde, as mesmas acabam propiciando aprendizagens necessárias e significativas para os discentes em seu processo de formação.

Assim sendo, ler e escrever facilita a aquisição de conhecimentos, que envolvem uma leitura fluente, uma escrita coesa e até uma linguagem comunicativa e obviamente mais clara diante da sociedade. Por tanto, a leitura não é apenas uma fonte de conhecimento, é um meio complementar do processo de escolarização, promover o desenvolvimento do aluno, a partir de uma nova perspectiva em que a leitura se torne prazerosa.

Ler é uma virtude gastronômica; requer uma educação da sensibilidade, uma arte de discriminar os gostos. O *chef* prova os pratos que prepara antes de servi-los. O leitor cuidadoso, de forma

semelhante, “prova” um pequeno canapé do livro, antes de se entregar à leitura (ALVES, 1999, p. 53).

Muitas vezes uma leitura prazerosa pode favorecer aos alunos a compreensão de que o ato de ler é muito mais do que decifrar palavras e texto. Então, cabe as escolas tratar a leitura como um ato também de amor. No entanto, não vamos nos deter, apenas a esses argumentos, pois, é essencial conhecer essas duas ferramentas de ensino a partir de suas práticas.

Neste sentido, é interessante que seja mostrado em classe que ambas devem caminhar juntas, ao invés de serem apresentadas separadamente, e em muitos casos, fica notável “todas” as preocupações com a ausência de erros na escrita e nem tanto na leitura a ser pronunciada. Em contrapartida, é por meio desta menção, que o âmbito educacional deveria se dedicar a despertar e revigorar no aluno o gosto e prazer desde os estudos aplicados. Com base nisso, diz Cagliari (2009, p.131) “Não falo de ensino programado, que reduz tudo a um condicionamento pelo texto, mas penso que a escola precisa ensinar os alunos a ler e a entender não só as palavras, as histórias das antologias [...]”.

Em outras palavras, é preciso fazer com que, essa concepção de ler e escrever por obrigação ou dever, seja de fato repensada, especialmente, aquela ideia de que para ser um bom leitor e escritor, basta decifrar e escrever um texto, conforme o que grande maioria das instituições escolares exige. Quando falamos de leitor e escritor, não podemos esquecer o quanto é fundamental permitir a série de competências que esses dois termos requerem formalmente.

“Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente” (BRASIL/PCN, 1997, p.41). A princípio, essas habilidades, surgem nos exercícios partilhados, cujo educador e o educando passam a manter uma afinidade maior com o que lhes é disposto, embora, parte das coisas se reduza ao livro didático, apoiadas também no PNLD – Programa Nacional do Livro Didático e o PNBE – Programa Nacional Biblioteca na escola.

Nesta perspectiva, acreditamos que se limitar as cartilhas é o mesmo que deixar de lado novos métodos, igualmente viáveis em classe; é crer que os alunos não necessitam aprender mais do que se encontra nos livros de língua portuguesa.

Ao observar, nota-se que parte dos “problemas da escola” está na educação sistêmica, em que se resume numa habilidade somente de como pronunciar vocábulos. “É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede”. (BRASIL/PCN, 1997, p. 37).

Nesse sentido, o mediador deve propor atividades diárias de leitura escutada, visualizada, oral individual e/ou compartilhada subsidiada pela pluralidade textual: poesias, músicas, parlendas, quadrinhas, narrativas, textos jornalísticos, curiosidades, rótulos, fábula, lendas, artigo de opinião. E dessa forma, podem ter como embasamento fundamental, a própria biblioteca ou talvez um acervo de livros em sala, fazendo dos textos, fontes prazerosas.

Portanto, os materiais contidos na classe, são de total relevância, quando os mesmos são inerentes ao desenvolvimento da leitura e escrita, as quais estão estreitamente relacionados à alfabetização e ao mesmo tempo, situados como forma de chamar a atenção e ocasionar curiosidades. Antes de tudo, eles precisam ser explorados e vivenciados cotidianamente, sem que sirvam somente como objetos de decoração.

Para as crianças, a ornamentação do espaço assume pontos de vista diversos. Por isso, pode ser considerada errônea a ideia de usufruir inúmeras coisas nos espaços educativos, sem que tenham nenhum intuito por parte do professor para com o saber do aluno. Isso nos leva a refletir sobre o ambiente enquanto alfabetizador, e quando falamos nisso, conforme Teberosky e Colomer (2003, p.37) “O *ambiente alfabetizador* faz referência às condições materiais e sociais em que se desenvolve a alfabetização”.

Esta associação que as crianças fazem entre o espaço, a leitura e escrita, parece favorecer a ela o acesso a capacidade de entender o significado daquilo, embora, não saiba dizer com exatidão quais as diferenças dos elementos de um ou outro.

Com relação às práticas de leitura, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) menciona a **leitura cotidiana, oral, colaborativa, feita pelo professor, realizada pelo aluno e em voz alta**, bem como **projetos de leitura**. Segundo

Teberosky; Colomer (2003, p.37) “As leituras compartilhadas são aquelas que se dirigem à criança, fazendo-a participar como destinatária do ato de leitura.” Essa ação de ler faz com que os alunos entre si, tenham uma aproximação e interação, inteiramente indispensável.

Logo, levando em conta as práticas de escrita temos a **produção de textos**, sejam: *orais, provisórios, de apoio, projetos* e outros, aos quais citamos como exemplos: cartas, ditados, bilhetes, poemas, textos individuais, coletivos e assim por diante. “É importante deixar que as crianças experimentem como escrever as letras: dar tempo para que isso aconteça (CAGLIARI, 2009, p. 105) ”.

Esse período referido reporta as suposições, possibilidades de alcançar as instruções formais, estabelecidas não só pelo meio educacional como o social. Com efeito, não poderíamos deixar de frisar o quanto a leitura e a escrita nos dias de hoje, têm sido também inseridas no meio digital, embora, não seja completamente igual a sua inserção na escolarização, só para ilustrar: nas ações produzidas em papéis, cadernos e/ou livros intermediados por um mediador.

Essa distância ou diferença afeta a relação entre as atividades de produção e as atividades de compreensão: por exemplo, com uma única máquina é possível escrever, corrigir, consultar várias fontes, editar, imprimir e, também, interagir “conversando” com a própria máquina ou com outros leitores (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 31).

Essa descrição nos remete a noção de que, apesar dos processos de informática envolver a leitura e escrita, a própria máquina acaba realizando quase todo o trabalho que poderia ser feito pelo indivíduo desde as possíveis correções ortográficas, a permitir que possamos pesquisar na web em vários sites seguros ou não.

Por conseguinte, a evolução das oportunidades disponibilizadas pelas redes de internet espalhadas pelo mundo vem trazendo momentos de diálogos com pessoas próximas e distantes, só para ilustrar: maior exemplo são as redes sociais, onde as conversas estão apoiadas na ação de redigir, ler e etc.

Mas afinal, o que aprendem as crianças ao participar de tais práticas? Aprendem a conhecer o teclado da máquina – no teclado estão as letras do alfabeto, além de outros signos. A materialização no teclado ajuda-as a representar o conjunto finito de letras com as quais se trabalha, e, além disso, ajuda-as estabelecer relações tipográficas (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 31).

É possível obter conhecimentos também pelos ambientes informatizados, quando sua utilização é feita de forma adequada, uma vez que, essas ferramentas são bastante úteis na modernidade. A ampliação dessa temática tem ocupado espaço no meio educacional. Assim como, esse tema assume uma ligação permanente com nossas vidas, nas simples ações rotineiras como a ida a um supermercado, na escolha de um produto, alimentos, farmácia, prescrições médicas, programas de TV, jornais, cartas, placas e painéis de mídias.

Contudo, defendemos que as práticas de leitura e escrita, podem ser muito bem trabalhadas nas escolas públicas ou privadas, acima de tudo quando conta com o apoio de um mediador, ele tem um papel importante e decisivo para a efetivação de uma prática pedagógica de sucesso.

2.3 Leitura e escrita no processo de alfabetização

A leitura e a escrita são processos de ensino que devem fazer parte da rotina pedagógica em sala de aula, uma vez que, elas auxiliam na construção de conhecimentos, decorrentes do processo de alfabetização. Contribuem também no desenvolvimento de habilidades que irão colaborar com a aprendizagem do ato de ler e escrever.

A princípio, as crianças aprendiam em contato com os objetos, na convivência com seus pares, bem como, pela sua imaginação e curiosidade de entender o que lhes cercavam. Com isso, antes mesmo delas passarem pela instrução formal, traziam erudições a partir de suas vivências, de onde, podemos denominar como a alfabetização inicial, que, conforme Teberosky e Colomer (2003, p. 37) “A expressão *alfabetização inicial* para representar a ideia de que aquisição da alfabetização é mais um desenvolvimento contínuo (iniciado muito cedo na vida da criança) [...]”.

Portanto, antes de iniciar o ensino, as crianças têm a oportunidade de adquirir com suas experiências saberes prévios, os quais merecem também respeito. No entanto, ainda assim, é necessária a presença de um mediador para aprimorar esses saberes. Dessa forma, alude Cagliari (2009, p.147) “Ler e escrever são duas atividades da alfabetização conduzidas mais ou menos paralelamente”.

Se considerarmos a transmissão/construção de conhecimentos dessa forma, sobre ambas as ferramentas de educação, não podemos esquecer que elas precisam ser trabalhadas em conjunto. Pois, na maioria das vezes as instituições escolares exigem mais com relação à caligrafia. É fundamental que concepções como essas sejam transformadas, a começar pela colaboração do próprio professor e sua prática em classe, dando ênfase as duas paralelamente.

Partindo desse princípio, provavelmente alguns dos problemas referentes à alfabetização como a evasão dos estudos e repetição do ano letivo, possivelmente pudessem ser evitados, tomando como base a motivação pela realização dos trabalhos permanentes sobre esse estudo.

É preciso pensar com mais cuidado, sobre as instruções em relação à leitura e à escrita levando em conta a ação de alfabetizar e quais as compreensões voltadas para a alfabetização. Conforme Soares (2010, p. 47) “ALFABETIZAÇÃO: ação de ensinar/aprender a ler e a escrever [...]”. A compreensão sobre esse termo, ao decorrer dos tempos passou a ser percebida na utilização de métodos de aprendizagens com relação ao Sistema de Escrita Alfabética (SEA) de como ler e escrever.

Em outras palavras, os métodos eram identificados, a princípio, enquanto analítico e sintético, o primeiro refere-se a sua realização por meio de palavras, proposição e história. Um ensino ligado fortemente à memorização, onde, a maioria das informações deveria ser fixada na memória, manifestadas como repetição ordenada. O segundo menciona à relação do verbal com a produção, partindo dos componentes pormenores, o som e a representação da escrita de uma palavra, sílabas, caracteres do alfabeto.

O método sintético insiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. Outro ponto chave para esse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir das partes ao todo. Os elementos mínimos da escrita são as letras [...] (FERREIRO, 1999, p. 21).

A difusão desse meio de ensino consiste no destaque que ele produziu com influência na escrita. Entretanto, muitas visões foram se delineando com relação ao uso desses métodos enquanto corretos ou não, principalmente, quando são

observados como se fossem os únicos a serem aplicados. Conseqüentemente, qualquer técnica utilizada como forma de obter os resultados esperados deve ter como fonte a essência do assunto que pretende doutrinar sem que haja tantas limitações como as estratégias anteriores apontam.

A partir desses enfoques, trazemos à tona também as duas teorias: empirista e construtivista, que fazem parte do processo alfabetizador. Inicialmente, o empirismo é extremamente conexo a decoreba, tendo como principal instrumento as cartilhas.

Para se acomodar a essa teoria, o processo de ensino é caracterizado por um investimento na cópia, na escrita sob ditado, na memorização pura e simples, na utilização da memória de curto prazo para reconhecimento das famílias silábicas quando o professor toma a leitura. Essa forma de trabalhar está relacionada à crença de que primeiro os meninos têm de aprender a ler e a escrever dentro do sistema alfabético, fazendo uma leitura mecânica, para depois adquirir uma leitura compreensiva [...] (BRASIL/MEC/PROFA, v. 1, p.79).

Tradicionalmente, os aprendizes são colocados diante de tarefas monótonas em que a responsabilidade posta para eles são simplesmente a reprodução manuscrita e intelectual daquilo que lhes é passado, aonde o professor acaba sendo o protagonista de suas competências, limitando-os de refletir ou questionar mais além. Ora, é cabível ressaltar a respeito da teoria construtivista, dando mais oportunidade de o aluno buscar compreensão, adquirindo as qualidades de curioso, investigador e pesquisador.

Segundo Teberosky e Colomer (2003, p.16) “A perspectiva construtivista trouxe uma nova visão da aprendizagem, entendendo-a como um processo contínuo de desenvolvimento [...]”. De fato, a sabedoria não pode ser vista como se fosse algo pronto, oportuno. Nesse contexto, os alunos jamais devem ser reconhecidos como indivíduos incapazes de construir conhecimentos desde a execução de suas hipóteses, uma vez que elas evoluem gradativamente.

Então, algumas dessas suposições serão evidenciadas na apresentação dos níveis estruturais da linguagem escrita, vindos como forma de corroborar as diferenças singulares e os ritmos de cada discente, só para ilustrar: tratados especialmente pelas autoras Ana Teberosky e Emília Ferreiro.

Nível 1: Hipótese pré-silábica:

O alfabetizando nesse momento não consegue ter noção para demonstrar uma relação da escrita com a pronúncia, imaginando que redigir é uma maneira de desenhar, desenhos rudimentares, rabiscos desordenados. Visto que, aos poucos vão se projetando esboços mais claros com linhas diversas a representação de letras sem saber a descrição delas, isto é: não conhece o sistema de escrita convencional.

Pois, passam a achar que os vocábulos simbolizam toda coisa material ao invés de suas denominações, ou seja: diante das unidades linguísticas cadeira – casa ela se dirigia a casa na escrita = cadeira e cadeira=casa. Num sentido de a casa ser um objeto grande e espaçoso e a cadeira um móvel pequeno que nos serve como assento. Consequentemente, ela nota sozinha que uma palavra só pode existir quando contiver de três letras acima, desconsiderando qualquer possibilidade mínima que essa e/ou que elas não devem ser sucedidas de novo.

Nível 2: Intermediário I:

Esse nível acarreta mudanças “profundas” na compreensão dos infantes, eles iniciam a hipótese de um vínculo da fala com a caligrafia, passando a desligar-se o ato de escrever pelas figuras e a quantidade de caracteres. Segundo Russo (2012, p. 36) “só demonstra estabilidade ao escrever seu nome ou palavras que teve oportunidade e interesse de gravar – essa estabilidade independe da estruturação do sistema da escrita [...]”. Porventura, usam os prenomes de colegas e parentes, constatando, já, a “diversidade” de letras, porque ainda não conhecem formalmente todos os elementos que compõe a escrita.

Nível 3: Hipótese silábica:

Há uma passagem referente à natureza dos objetos e não a sua quantidade, conforme estava sendo explanadas nas proposições anteriores. Assim, nesse período parece certo que qualquer letra fosse uma vogal ou grupo de fonemas a serem pronunciados de uma só vez, emitindo som (fonema) e grafema (escrita), sem esquecer que posteriormente as vogais se misturaram as consoantes.

Nível 4: Hipótese silábico-alfabético:

Segundo Teberosky e Colomer (2003, p.70) “Denominamos *escrita silábico-alfabética* a mistura de princípios silábicos e alfabéticos. Acontece quando a criança chega a representar, por escrito, unidades intra-silábicas. A caracterização desse nível se dá pela transição relativa das sílabas para a série de letras (alfabeto) usadas na escrita de uma língua. Logo, verifica-se que os caracteres realçam fonemas pequenos que os da sílaba, consideradas enquanto duas ou mais vogais, apesar de não ser de maneira convencional e prático do sistema de escrita.

Nível 5: Hipótese alfabética:

Para Russo (2012, p. 39) “O alfabetizando compreende que a escrita tem uma função social (a comunicação); compreende o modo de construção do código da escrita [...]”. Nesta ocasião, os alunos dominam a comunicação entre letra, sílaba, o som e os valores da língua. Se bem que, ficam evidentes reflexões necessárias a propósito da gramática que ensina a escrever corretamente as palavras, aliás, a ortografia.

Por todos esses motivos, é de fundamental importância que o docente saiba quais entendimentos seus alunos já têm a propósito da escrita, em qual hipótese se encontram e quais as possibilidades presumíveis para avançar às seguintes. Sobretudo, estabelecendo uma ligação das práticas em formação com disposição da aplicação sociável dos atos de escrita, proporcionando a criança um convívio com o meio letrado. Portanto, essa aquisição da língua escrita, pode ser muito mais eficaz se os alfabetizadores considerarem a ideia de que a alfabetização e letramento precisam estar interligados, embora demonstrem conceitos distintos.

[...]LETRAMENTO: estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. *Cultiva* = dedica-se a atividades de leitura e escrita, *exerce* = responde às demandas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2010, p. 47).

O letramento é caracterizado pelas práticas pertencentes a vida dos indivíduos em que, ficam aparente suas destrezas e agilidades para com o entendimento completo do Sistema de Escrita (SE) e além dele, visto que, os aprendizes quando

letrados poderão ler, compreender e produzir com fins diversos. Enfim, a aprendizagem do ato de ler e escrever, alfabetizar e letrar, perduram por toda nossa existência, porque, o aprendizado é infinito, todo dia aprendemos algo novo e/ou aperfeiçoamos o que já sabemos.

2.4 O professor como incentivador da leitura e escrita

A figura do professor com relação ao incentivo da leitura e escrita tem papel de grande destaque. O mesmo assume função fundamental na transmissão e troca de conhecimentos em sala de aula e fora da escola. Sobre esse ponto de vista, o estímulo ao ato de ler e de escrever deve partir, antes de tudo, do âmbito escolar a começar pelo educador.

Nesse contexto, também não podemos esquecer, que os pais e a família podem estimular seus filhos em casa, por meio do acompanhamento das atividades e até então na elaboração de atividades casuais sobre ler e escrever, bem como, despertando nas crianças o interesse em utilizar e zelar as cartilhas e livro paradidáticos, uma vez que, colaboraria com o trabalho docente.

Motivar as crianças para leitura não consiste que o professor diga: “Fantástico! Vamos ler!”, mas em que elas mesmas o digam – ou pensem. Isto se consegue planejando bem a tarefa de leitura e selecionando com critério os materiais que nela serão trabalhados, tomando decisões sobre as ajudas prévias de que alguns alunos possam necessitar, evitando situações de concorrências entre as crianças e promovendo, sempre que possível, aquelas situações que abordem contextos de uso real, que incentivem o gosto pela leitura e que deixem o leitor avançar em seu próprio ritmo para ir elaborando sua própria interpretação [...] (SOLE, 1998, p. 92).

Refletindo essa ideia, não basta apenas solicitar várias leituras de livros e textos ou atividades de escrita, objetivando despertar interesse pela leitura e escrita. Na verdade, é necessário envolver os alunos em práticas atraentes e usuais que promovam o gosto “particular” de cada um, ao realizá-las, formando os alunos em bons leitores e bons escritores, possibilitando conhecimentos como a diversidade textual e etc.

O mediador deve pôr à disposição dos alunos momentos proveitosos e prazerosos de leitura e escrita, sem esquecermos que, esse discente já tem conhecimentos prévios que merecem ser respeitados e valorizados por todos, aos quais posteriormente, serão aprimorados na escola. O ideal, é que as instituições de ensino desenvolvam trabalhos estimulantes com relação às ferramentas de aprendizagem, a começar pela realização de projetos diversos, mural, exposições, apresentações, prosa, verso, literaturas e outros.

Assim sendo, descreve Alves (1999, p.57) “Eu me alimento de alguns livros diariamente: eles podem ser maravilhosos. Mas é preciso que sejam comidos com prazer para fazer bem à inteligência [...]”. Os livros não existem para que sejam somente folheados frente e verso, eles precisam ser apreciados, conhecidos.

Portanto, os métodos de ensino sempre vão ocupar um lugar relevante no que concerne à educação do discente. Sem sombras de dúvidas, quando o professor se encarrega de planejar suas aulas e de buscar melhores alternativas para ensinar, refletindo a realidade de sua turma em geral e individualmente, o mesmo poderá obter resultados positivos.

Contudo, qualquer método, para ser eficaz, deve ter a ele subjacentes hipóteses claras sobre a natureza do objeto a ser apreendido e sobre a natureza da aprendizagem desse objeto. Além disso, para ser eficazmente usado exige que seu aplicador tenha plena consciência dessas hipóteses. Essa consciência dará ao professor uma segurança maior de sua prática e o levará a reformular sua metodologia a partir da evidência que irá encontrar durante essa prática (KATO, 2007, p.6).

Quando nos referimos à metodologia, pode ser que ela seja um dos principais instrumentos de desenvolvimento para realizar um trabalho apropriado. Isso nos leva a entender que ela não pode ser considerada apropriada só pela alta quantidade de tarefas propostas às crianças, as quais podem chegar a se sentirem “entediados”, por reproduzem atividades que na maioria das vezes se tornam enfadonhas, sem motivação alguma ou até mesmo mecânicas.

Em outras palavras, o trabalho do professor é auxiliar as crianças durante o processo de alfabetização, tendo a certeza de que elas precisaram explorar as fases de aprendizagem e para isso, ele deve estar ao seu lado, se possível fazendo uso de toda e qualquer possibilidade de meios para enriquecer os trabalhos com leitura e

escrita. Para Russo (2012, p.132) “Trabalhar textos envolve primeiro uma situação de prazer [...]”.

Sem dúvida, quando o mediador propõe que os alunos tenham contato com diferentes gêneros textuais, ao mesmo tempo ele consegue provocar o interesse e atenção pela leitura, incentivando-os também na construção da escrita. Uma vez que, essa construção é inerente as hipóteses que eles vão obtendo gradativamente, até se adequar as normas de forma convencional. Por sua vez, o docente deveria envolver em suas práticas de leitura e escrita o trabalho com pedagogia de projetos.

[...] o projeto se bem trabalhado poderá auxiliar a formação de um sujeito integral, com possibilidades de desenvolvimento em diferentes áreas, formando-se amplamente, não limitando-se a uma ou outra competência privilegiada nos diferentes contextos (NOGUEIRA, 2007, p.81).

Desse modo, é importante que os mediadores não isentem o ato de ler e escrever das demais disciplinas curriculares, inserindo os infantes, se possível numa aproximação com suas próprias realidades, visto que, eles poderão agir mais espontaneamente e sem medos de errar.

Essa observação nos remete uma reflexão, mais uma vez, acerca do professor, embora, considerado um dos principais intermediários do saber, uma educação de qualidade não depende inteiramente dele, mas, sim de toda comunidade escolar, apesar dele carregar consigo grande parte das responsabilidades pelo sucesso ou insucesso. Cabendo a nós, citar que diante disso tudo, a compreensão de como ler e escrever não é tão simples, mas com certeza necessária.

A educação é de boa qualidade quando ela forma pessoas para pensar e agir com autonomia. E isso deve começar na primeira educação, na creche, na pré-escola, na educação infantil e deve continuar ao longo da vida. Isso depende fundamentalmente do professor (GADOTTI, 2013, p.11).

Essa qualidade que nos referimos não é alusiva só a redução de alunos desistentes ou que costumam repetir o ano letivo. Na verdade, o que caracteriza um ensino de qualidade é quando a educação toma como princípio, a formação discente pautada no conhecimento de como gerir sua própria vida, sem fazer distinção de classe social.

“Os professores têm que ser protagonistas activos nas diversas fases dos processos de formação: na concepção e no acompanhamento, na regulação e na avaliação” (NÓVOA, 1992, p.19). Compreender que ele é um dos personagens mais relevantes na formação do aprendiz nos faz refletir acerca de que a aprendizagem deve ser contínua tanto para o docente quanto discente.

Na verdade, a formação docente pode ser um dos pontos fundamentais para que a escola consiga obter bons resultados. No entanto, uma boa formação não depende exclusivamente da formação inicial ou uma diversidade de cursos e anos de experiências, mas, sim, a diversos fatores que se dão pela busca incessante de sabedorias, novas experiências e outros. É essencial que a escola contribua para com esse processo formativo através de momentos formadores e reflexivos na presença de todos.

Evidentemente, quando o professor vai além de sua função, tornando-se um modelo de leitor, a criança pode tomar para si, a ideia de que o ato de ler é algo prazeroso, ao contrário de considerá-lo, apenas uma obrigação para cumprir com os estudos. “Diversos papéis são viáveis para o professor nesse contexto, mas, evidentemente, desempenhar o papel de escriba ou de leitor são os mais importantes” (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p.128).

Nisto, algumas atitudes e encaminhamentos práticos podem ser pensados em classe, assim como: a sacola mágica de leitura; visitas a biblioteca com monitoramento, fato este que deve se tornar rotina; varal literário; mural de produções dos discentes; escritas alfabéticas; de vez em quando sorteios de livros e contextualização de histórias.

No mais, ainda se referindo ao modelo supracitado, podemos refleti-lo também com relação ao nosso lar, tendo a família também como modelo de leitores e escritores, envolvendo, estimulando e compartilhando a leitura e a escrita no próprio espaço, através da utilização de livros, revistas, gibis, coleções infanto-juvenis, jornais, e etc. Na sala de aula é preciso promover o contato de forma ativa com livros por meio da biblioteca escolar.

Desse modo, a composição do acervo de bibliotecas escolares, considerando-se a função mais ampla que deve exercer em sua comunidade, deve garantir o acesso a obras diversificadas, voltadas tanto para as crianças, adolescentes e jovens, quanto para os

professores e demais profissionais das escolas, como para adultos e pessoas das comunidades (BERENBLUM, 2009, p.32).

Na educação, é praticamente inaceitável a realidade que muitas escolas demonstram com relação às bibliotecas, porquanto, quando uma tem de maneira imprópria com poucos livros ou quase nada, em outras nem sequer existe ainda, embora, parte das instituições já tenha adotado a ótima experiência em trabalhar subsidiadas por uma biblioteca adequada e de portas abertas. Se houver chances, também é possível montar uma rotina permanente de leitura e escrita afluindo a imaginação e o saber.

3. METODOLOGIA

O referido item consiste na representação de como conduzimos nossa pesquisa, cujo tema foi “Leitura e Escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, com base também na investigação de que a prática pedagógica do professor pode contribuir para desenvolver o gosto e prazer pela leitura.

Portanto, conforme Gil (1946, p.162) “Nesta parte, descrevem-se os procedimentos a serem seguidos na realização da pesquisa. Sua organização varia de acordo com as peculiaridades de cada pesquisa [...]”. Assim sendo, nesta fase do trabalho, inicialmente, descrevemos quais técnicas e ferramentas foram utilizadas, caracterização do estudo, escola campo, população amostra e etc.

Sendo assim, a concernente pesquisa foi realizada na Escola Municipal Fernando Pereira com as turmas de 1º ao 5º ano nos turnos matutino e vespertino. Trata-se de uma escola oriunda de comunidades circunvizinhas da referida cidade de Passa e Fica/RN situada no interior do estado pautado com divisa a Paraíba.

A princípio, objetivamos investigar quais estudos estavam sendo empregados a respeito da leitura e escrita nos anos iniciais da educação fundamental. Uma vez que, subsidiadas na pesquisa buscamos alcançar diversas informações e consequentemente respostas para os problemas referidos perante o processo de investigação.

[...] entendemos por pesquisa toda atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrado suas razões e seus objetivos (MINAYO, 1994, p. 43).

Portanto, a pesquisa é um procedimento que requer análise e do mesmo modo objetivos. Nesse contexto, buscamos concretizar nossos desígnios, optando pela pesquisa de campo, ao entender que ela é correspondente de resultados e fatos reais. Logo, Marconi e Lakatos (2003, p.186) realçam que “Pesquisa de

campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta [...]”. Ou seja: esses acontecimentos puderam ser alcançados através de observações sobre tudo aquelas que estavam sujeitas aos mesmos.

Como forma de desenvolver este estudo satisfatoriamente, o caracterizamos como exploratório e descritivo, simultaneamente tendo como forma de abordagem; caráter qualitativo. Sendo assim, a ativa condução da pesquisa exploratória, incide em embasar-se nos conceitos preliminares sobre o apurado assunto e contribuir para aclará-lo de obscuridades.

[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. [...] tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (GIL, 1946, p. 41).

Neste sentido, compreender um assunto é ater ciências para introduzi-lo com novos pontos de vistas, áreas e perspectivas. Porque, na realidade o estudo exploratório desemboca toda a origem dos caminhos a serem seguidos. Ainda, na opinião de Gil (1946, p.42) “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]”.

Por conseguinte, retomando o tópico que diz respeito ao feitio de abordagem antes dito, em abreviação Richardson (1999, p. 80) menciona que: “os estudos empregados de uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”. Em suma, ela se conceitua enquanto crucial, visto que, responde os questionamentos, operando em análises mais detalhadas dos aspectos.

Nesse ínterim, o ponto mais importante não consistiu na percepção dos resultados pela sua quantidade, mas sim, a explicação dos mesmos e conseqüentemente sua propriedade e possíveis definições. Para tanto, com intuito de enriquecer nosso trabalho adotamos igualmente as pesquisas bibliográfica e documental. Levando-as em consideração, Severino (2007, p.122) discute “A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível,

decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.[...]”.

Esse modelo de pesquisa foi utilizado na investigação que se deu, de modo especial na nossa revisão da literatura na exploração de subsídios referente ao nosso trabalho. Porventura, a pesquisa documental, de acordo com Gil (2010, p. 30-31) “vale-se de toda sorte de documentos, elaborados com finalidades diversas [...]”. O que com certeza colaborou no momento em que colhemos documentos da própria instituição, consideravelmente importantes para o delineamento da análise. Com isto, através da mesma, empregamos denominadas técnicas, dentre estas, o próprio questionário.

O questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (GIL, 1999, p. 128).

É conveniente citar que o questionário é uma ferramenta relevante, uma vez que, nos proporcionou o entendimento dos subsídios pelos quais foi preciso desvendar por meio das perguntas bem estruturadas, visando não só a qualidade das respostas, mais sim, a veracidade de cada uma destas.

3.1 Iniciando a pesquisa

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p.156) “É a primeira etapa de uma pesquisa, o momento em que o pesquisador toma a decisão de realizá-la, no interesse próprio, de alguém ou de alguma entidade [...]”. Neste capítulo, propusemos demonstrar nosso interesse, bem como, os motivos que nos fizeram investigar um dos temas mais merecedores de atenção da sociedade e do âmbito educacional, “O desenvolvimento da leitura e escrita na 1º fase do ensino fundamental menor”.

A principal motivação dessa pesquisa foram as discussões que vem sendo desenvolvidas sobre o ato de ler e escrever nos últimos tempos, do mesmo modo, a atuação docente e suas contribuições, já que, a aplicação da natureza da leitura e escrita, de suas funções e práticas pedagógicas eficazes é imprescindível ao processo de aprendizagem do discente.

Com base nesses aspectos, sentimos a necessidade de pesquisar como a prática pedagógica do professor pode contribuir para o desenvolvimento dessas ferramentas de ensino, nos anos iniciais (1º ao 5º ano). Portanto, essa questão foi se delineando em nosso pensamento, no decorrer do curso de licenciatura plena em Pedagogia, através do componente curricular Fundamentos e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa. Logo, foi inevitável repensar a atuação do professor e, sobretudo, rever quais critérios eram adotados para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos alunos, considerando suas práticas na formação de leitores e escritores hábeis. Assim como o incentivo à leitura e escrita em classe e extraclasse, igualmente as ausências de propostas de atividades produtivas e motivadoras.

Em outras palavras, os problemas do conhecimento de leitura e escrita estão apoiados no entendimento, que, de um lado, o professor parece ser o único sujeito responsável pela formação do discente, por outro, as escolas, ao se mostrarem mais preocupadas com os erros na escrita do que propriamente com a leitura fluente. Dessa forma, passamos a indagar como realmente vinha acontecendo a instrução da leitura e escrita no processo de escolarização, se, de fato, visava o pleno crescimento das crianças.

Em virtude disso, selecionamos uma escola pública do município de Passa e Fica/ RN – Passa e Fica – RN, 59218-000, objetivadas em descrever de que forma a prática pedagógica do docente exerce influência no desenvolvimento da leitura e escrita, tendo em vista a própria realidade ao qual fomos percebendo e também os discursos teóricos notados durante o estudo.

Primeiramente, fizemos uma visita inicial à instituição, com as possíveis permissões para a realização do estudo e apresentação da mesma, e em seguida, das partes envolvidas. Do mesmo modo, mostramos o referido questionário como instrumento de coleta dos dados.

Figura 3: Entrada da Escola Campo.



A imagem exibida trata-se da entrada da instituição pesquisada. Ao mesmo tempo é possível esclarecermos que ela é uma das escolas localizadas na zona rural, em uma das comunidades do município mencionado. Atualmente, o seu prédio mostra ser de pouca extensão, embora, isso não interfira no acolhimento prestado pela comunidade escolar aos visitantes, pais, alunos e a comunidade local.

3.2 Dados da pesquisa

Este capítulo dispõe das informações alcançadas no decorrer da pesquisa de campo. Além disso, o local, população e amostra e o instrumento para coleta de dados utilizado, ou seja: o alusivo questionário (disponibilizado em apêndice). Marconi e Lakatos (2003, p. 165) “Etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a coleta dos dados previstos”.

A princípio, dia 16 de dezembro de 2015 fizemos nossa primeira visita à instituição campo, expondo as finalidades de nosso trabalho com relação às investigações sobre o desenvolvimento da leitura e escrita e se os professores poderiam contribuir com o aprendizado do ato de ler e escrever, bem como, a promoção do gosto e prazer para com ambas.

Posteriormente, retornamos à escola, propriamente, nos dois turnos, pela manhã por volta das 8h e a tarde às 15h onde, aplicamos quatro questionários, contendo questões de múltipla escolha, com base na prática pedagógica do professor e suas contribuições. Lembrando que essas questões eram fechadas e semiabertas, visto que, ainda assim poderiam ser adicionadas alternativas.

“Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada [...]”. Consideramos sempre essencial refletir os fatores cruciais que privilegiam a construção de um bom questionário (GIL (2008, p. 121).

O perfil e amostra tratam-se de quatro professoras que trabalham pela educação, na escola pública Fernando Pereira, situada no Sítio Fernando dos Inácios, s/n, próximo ao Centro de Educação Infantil Fernando Pereira.

A referida escola atende a própria comunidade, além de sua vizinhança como: Lagoa do Pedro, Fernando do Meio e Fernando da Pista. Uma vez que, ao todo eram 55 alunos na educação infantil e 20 alunos na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Logo, o prédio escolar se encontrava composto por 2 salas de aulas, 1 cozinha, 1 minibiblioteca, 1 banheiro feminino e 1 masculino para alunos, 1 banheiro

feminino e 1 masculino para professores, 1 secretaria, 1 dispensa, 1 refeitório, 1 quadra de esportes e diversos imóveis, dentre esses: 1 Notebook, 1 Impressora, 2 Aparelho de som, 4 Ventiladores.

Figura 4: As Duas salas de aulas.



Quanto as salas de aula são turmas multisseriadas, as quais vem sendo lecionadas com quatro docentes, tendo em vista, o curto espaço em locus. Logo, com relação à formação das docentes, se organiza da seguinte forma: professora “A”: leciona no 1º e 2º ano, cursando Pedagogia pela Instituição Superior de Educação de Pesqueira (ISEP); professora “B”: 2º e 3º ano, formada em pedagogia e Pós-graduação em Psicopedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); professora “C”: 4º ano e professora “D”: 5º ano, ambas graduadas em pedagogia e Pós-graduação também em Psicopedagogia.

A luz disso é interessante mencionar que as professoras possuem tempos de experiência diversificados na educação, ou seja: professora “A”: 1 ano de atuação,

professora “B”: 28 anos, professora “C”: 27 anos e a “D”: 32 anos exercendo a profissão de docente tanto na modalidade de ensino infantil quanto fundamental.

Nesse prisma, além dessas formações que conseguiram através do tempo de escolarização e meio acadêmico, contam com encontros formativos oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação e o Ministério da Educação, bem como, a própria gestora formada em Pedagogia pela UVA e especialização em línguas letras pela Universidade Potiguar (UNP), e a coordenadora formada também em pedagogia com especialização em Gestão.

Com efeito, não poderíamos deixar de comentar que as educadoras A e B ensinam em classes com mais de uma turma, tendo discentes com idades e séries diferentes, quer dizer: na primeira turma há dez alunos de 1º ano, juntamente a dois alunos de 2º ano, quanto à classe seguinte, são seis alunos de 2º ano e nove do 3º, designadamente no turno vespertino. As demais trabalham com o 4º ano com quinze alunos e o 5º ano, doze alunos pela manhã, e a EJA 20 alunos em turno noturno.

Esses alunos são de famílias que vivem do programa Bolsa família e da agricultura sem empregos informais ou profissão definida. Antigamente funcionava somente uma classe de aula, com o passar dos tempos a população foi crescendo e assim surgiu uma demanda de alunos, carecendo a ampliação do prédio, de onde hoje dispõe duas salas de aula, uma sala de leitura, uma secretaria, área de lazer, quadra de esportes, pátio descoberto, cantina e dois banheiros.

O quadro de funcionário se organiza com 4 professores, 3 merendeiras, 1 diretora, 1 coordenadora pedagógica, 1 vigia. Tendo em vista que, a atuação da escola consiste na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições fornecendo ferramentas através da aquisição de conteúdos e socialização para com a participação organizada e ativa na democratização. Quanto ao PPP vem sendo feito coletivamente desde os primeiros dias do ano letivo e sempre está passando por renovações¹.

A escola conta com o apoio importante de alguns programas como: Programa dinheiro direto na escola (PDDE), Programa da alimentação escolar (PNAE),

¹ Informações disponibilizadas pela gestora da escola, juntamente com o regimento escolar da mesma.

Programa Bolsa família (PBF), Programa do livro didático (PNLD), Programa Nacional da Biblioteca (PNBE). De certo, apoiadas na Secretaria de ação social tem-se o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) dando assistência as crianças com situações de vulnerabilidade social, também a intervenção da Polícia Militar do RN (PROERD), programa de valorização a música (grupo de dança Arte em movimento e igualmente o Núcleo de apoio da saúde da família (NASF) pela secretaria de saúde que conta com ajuda médica, psicológica, odontológica e etc.

3.3 Análise e discussão dos dados coletados

Partindo da coleta de dados, nos propomos a fazer um exame mais detalhado dos argumentos e colocações dispostos nos questionários. Para Gil (2008, p. 125) “Após, ou juntamente com a análise, pode ocorrer também a interpretação dos dados, que consiste, fundamentalmente, em estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros já conhecidos [...]”.

Esse processo de análise ocorreu com quatro professoras investigadas, onde, traçamos questões estratégicas para investigar suas práticas pedagógicas, no que se refere à leitura e escrita e se elas colaboravam para despertar no aluno, estímulo, gosto e satisfação pela leitura.

Desse modo, a formação de professores é fator preponderante para o contexto educacional, visto que, propicia uma dimensão de conhecimentos teóricos e experiências práticas na preparação de como atuar em sala de aula, seja com relação a didática a adotar e/ou os métodos apropriados. Segundo Russo (2012, p.28) “A didática que adotamos e que irá definir nossa posição perante uma sala de aula tem muita influência na postura dos alunos, por mais jovem que sejam”.

O professor deve permanecer atualizando-se, dia pós dia para que possa realizar um trabalho de qualidade, onde, o desenvolvimento de sua prática pedagógica possa acontecer com eficiência. Em termos de leitura e escrita, o professor precisa propor atividades que considerem não só o processo de aprendizagem introduzindo a alfabetização. Deve estabelecer propostas incentivadoras do ato de ler e escrever numa nova perspectiva, que reflita o gosto e

o prazer pela leitura. Subscrive Alves (1999, p.61) “Penso que, de tudo que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura”.

Dentro dessa discussão, as informações concebidas no questionário, o qual continha 20 questões de múltipla escolha, sendo que 4 delas dispunham de implemento subjetivo. Na primeira parte, mencionamos as características de leitura dos professores, a partir do ponto de vista que o gosto pela leitura não deve surgir só no aluno. Assim, quando questionadas, todas assinalaram sentir gosto pela leitura de textos literários e poesias, aos quais costumavam ler semanalmente. Com efeito, Cagliari (2009, p. 130), alude que “A leitura é uma herança maior que qualquer diploma”. Ela é um bem que podemos levar por toda a vida de forma significativa até mesmos nas práticas sociais, sem se resumir apenas a um certificado de conclusão de curso impresso.

Na segunda parte, evocamos como ser um bom leitor, argumentando alternativas diferentes, a professora A: optou pela necessidade de compreensão do que se ler sem modificação e 75% delas pelo o hábito de ler continuamente. Seguidamente, ressaltamos a rotina semanal em classe referente aos dois instrumentos de aprendizado situados e as professoras “A” e “B”: frisaram leitura em voz alta e as demais “C” e “D” produção coletiva. Conforme Teberosky e Colomer (2003, p.127) “Ao escutar a leitura, as crianças aprendem que a linguagem escrita pode ser reproduzida, repetida, citada e comentada”. Esse momento de leitura pode ser denominado como interativo, onde, o mediador não precisa empregar essa prática como enfadonha e sim atrativa, fazendo com que seu alunado se envolva com o universo do texto.

Prosseguindo, apresentamos perguntas relacionadas a ação do professor no que compete chamar a atenção de seus discentes, promovendo gosto por ambas práticas, 100% trabalhavam com leituras compartilhadas. Logo após, fizemos referência à importância de se trabalhar com a diversidade de gênero textual no âmbito educativo e logo concordaram com nossa demonstração, onde, as professoras “A” e “B”: fazem uso de fábulas e lendas, professora “C”: conto e a professora “D” poesia. Para Cagliari (2009, p.137) “Uma criança que é muito exposta a essas manifestações tem grandes vantagens na escola sobre aquelas crianças que não têm a mesma chance na vida”.

Essa vantagem a que nos referimos não é aquela de superioridade, mais sim de que através da diversidade textual, contato com os livros, os pequenos poderão sentir amor pelo o objeto, pelas atividades, sem contar o saber que elas poderão adquirir. Depois, questionamos também sobre o que faziam para estimular a prática da escrita durante as aulas e as quatro docentes responderam trabalhar com produção de textos individuais e coletivos.

É importante lembrar ainda que, ao ler, a criança tem como estímulo palavras e frases significativas, pelo menos no contexto natural de comunicação. Para escrever, porém, ela tem que combinar elementos como a letra ou a sílaba (KATO, 2007, p. 19).

Na verdade, essa forma de incentivo poderia ser tomada como base em todas as instituições de ensino, ao se permitir novas experiências e participação ativa dos aprendizes em cada projeto, planejamento e trabalho. Ainda, sobre leitura, indagamos se a escola trabalhava com projetos de leitura, 100% disseram que sim, através da sacola mágica, contextualização de história e roda de leitura de sete em sete dias. Nesta linha de raciocínio, esses projetos existem como forma de desenvolver o gosto e prazer pela leitura, aumentando o interesse dos alunos pela mesma.

No que diz respeito as maiores dificuldades enfrentadas no desenvolvimento das práticas de leitura e escrita, 50% marcaram que era a questão de alguns alunos ainda não serem alfabetizados convencionalmente e 50% aludiram que nada mais é do que o pouco interesse dos alunos no assunto. Fomos então, as propostas com relação a amenizar com essas dificuldades, 75% optaram pelas campanhas de incentivo à leitura e escrita como o rodizio de empréstimos de livros para ler em casa, e só a professora D, selecionou a realização de leitura para e com os alunos habitualmente.

Segundo Cagliari (2009, p. 149) “A maneira como a escola costuma introduzir os alunos na leitura, através do bê-á-bá, isto é, através das famílias silábicas, pode acarretar problemas sérios para a formação do leitor”. O reconhecimento desses métodos direcionados a alfabetização limitam os alunos de refletir além dos que lhes são transmitidos. É preciso, que tomemos como exemplo a leitura enquanto uma ferramenta que deve ser permanente no ambiente escolar, possibilitando ao discente um contato intenso com vários livros, enriquecendo nosso vocabulário, interpretação e etc.

Nesse ínterim, nos referimos a leitura e escrita como dois instrumentos de saberes que não podem caminhar separadamente, uma vez que, aquele que tem o gosto e prazer pela leitura, possivelmente desenvolverá uma boa escrita, obtivemos o subsequente resultado, todas elas concordam plenamente com essa colocação. Para Alves (1999, p.61) “É preciso que o ato de ler dê prazer”.

Ora, se as escolas se preocupassem mais com a leitura e a escrita e não tanto com os boletins em fins de bimestres, quem sabe, elas poderiam despertar interesse nos alunos em apreciar leituras, livros, além dos muros escolares. Após, certificamos se o aprendizado sobre o tema colaborava para com a formação de leitores e escritores. E de modo semelhante se a instituição escolar desempenhava trabalhos que despertavam esse gosto por ambas as práticas, as educadoras A, B, C e D refletiram que sim, com certeza, nas duas declarações.

Portanto, práticas de leitura que não motivem o aluno a sentir interesse em ler e escrever não podem ser consideradas como práticas pedagógicas eficazes. Sobretudo, ao falar de leitura, convém lembrar excepcionalmente ao docente enquanto mediador, pois se ele não demonstra gosto e satisfação, pode influenciar o aluno por falta de exemplo próprio.

O ambiente de trabalho é mais agradável quando o professor é amigo dos alunos e colaborador do desenvolvimento deles, sendo respeitado, em primeiro lugar, por sua condição de ser humano e, depois, como professor. Assim, quando precisa da atenção da classe, a participação esperada flui espontaneamente entre os alunos[...] (RUSSO, 2012, p. 29).

Professores que fazem de sua sala de aula, um espaço de aprendizado de: valores, princípios, respeito e afetividade merecem ser intitulado como bom professor. Sendo assim é aquele potencializa as capacidades que o aprendiz já tem, e principalmente as que podem conseguir através de uma intervenção produtiva, por meio da disponibilidade de um bom acervo de livros, ou seja: a biblioteca enquanto espaço reservado para ler e aprender sempre mais.

Enfim, podemos constatar que as professoras trabalham com leitura e escrita de formas bem parecidas, que apesar, de duas turmas serem multisseriadas e o espaço do prédio escolar ser tão pequeno, elas não deixam de propor atividades de leitura e escrita em classe e extraclasse. Suas práticas de ensino são enfocadas, ora

de maneira tradicional e ora construtivista, variando-se de acordo com as necessidades que os alunos iam apresentando.

Quanto às dificuldades que vem perdurando no processo de aprendizagem da leitura e escrita, de maneira nenhuma o professor deve ser considerado o único culpado de todos os problemas que competem ao desenvolvimento das duas. Embora, seja considerável enfatizar que sua prática pedagógica pode se tornar umas das ferramentas que mais podem contribuir para o aprendizado do ato de ler e escrever e podemos constatar isso em nossa pesquisa e por parte dos professores investigados.

Todas essas questões levam-nos a enfatizar que apesar das professoras trabalharem com leitura e escrita de diversas formas, tendo como objetivo não só ensiná-las mais também despertar interesse e gosto por ambas as práticas, a instituição escolar não dispõe de uma biblioteca aconchegante, espaçosa devido ao curto espaço de 6m², e mais que isso não dispõe de uma diversidade de gênero textual, bem como, conta com o monitoramento de alguém para realização de visitas rotineiras.

Enfim, é interessante frisar que essa mesma escola, embora com algumas dificuldades já relatadas, vem procurando desenvolver um bom trabalho, tendo como principal meta desempenhar um trabalho em conjunto, que envolva toda a equipe escolar, a família e a própria secretaria do Município desde a realização de projetos de leitura e escrita e interdisciplinares, Feira de Ciências, Gincana Escolar, Jogos Intercalasses, reforço escolar e entre outras como ações voltadas também para datas comemorativas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este trabalho, temos a certeza que durante toda pesquisa dedicamos empenho e afinho para construção dessa monografia, por se tratar de um dos temas mais dignos de atenção nos dias de hoje: a leitura e escrita nas séries iniciais. Passamos a questionar, porque esse assunto tem sido tomado com tanta atenção? Pelo fato, da aquisição da leitura e escrita em grande parte das instituições escolares, derem prioridade mais ao aprendizado de como ler e escrever, ao invés de proporcionar aos discentes o gosto e prazer por ambas.

Embora seja função social da escola despertar o gosto e o prazer pela leitura, e por que não fazê-lo com afeto. A ideia é não tornar essa prática pura obrigação, sem sequer se envolver com as histórias ou livros lidos. Com efeito, nos propomos a realizar um estudo que frisasse tanto o ato de ler quanto escrever como ferramentas essenciais sejam no âmbito educacional como no social, as quais sempre estarão presentes em nossas vidas, desde as atividades escolares, como também aquelas que realizamos cotidianamente. Por esse motivo, a aquisição da leitura e escrita, é na verdade, um dos maiores bens que a educação pode oferecer aos discentes. De fato, o ato de ler e escrever estão intimamente ligados.

É fundamental ensinar leitura e escrita como práticas necessárias e motivadoras, ao invés de perceber o ato de ler e escrever apenas como dever do educador, aluno e de toda comunidade escolar. Dentro dessa discussão, trabalhar com esses instrumentos de aprendizagem requer do professor uma preparação das atividades em aula, e no desenvolvimento de ambas, sem se reduzir exclusivamente a leitura e a escrita de palavras, frases, textos e etc.

Neste sentido, a pesquisa mostrou que as professoras investigadas tomam sua prática pedagógica como um dos pontos norteadores para o conhecimento da leitura e escrita. Uma vez que, planejam atividades e envolvem ambas as práticas de ensino, exercendo forte influência no desenvolvimento do aluno.

Notamos que ler e escrever envolve uma série de dificuldades, os alunos em parte pouco se interessam em cumprir com os trabalhos, outros sentem vergonha por não saber ainda ler convencionalmente, em alguns casos acabam desistindo de

concluir o ano letivo. Por outro lado, a escola, tem buscado encontrar soluções para a diminuição de problemas como esses, por meio da pedagogia de projetos de leitura e escrita e campanhas de incentivo em que todos interagem com as duas, a prática de leitura acontece de diversas formas, leitura feita do professor para o aluno, do aluno para professor, dos pais para o filho, do filho para os pais e entre outros.

Consequentemente, as suposições consideradas: a prática pedagógica contribui com o desenvolvimento de leitores e escritores hábeis; a ausência de propostas de atividades que motivam os alunos cotidianamente a leitura e escrita é fator decisivo para afastá-los dessa prática; o incentivo à leitura também fora da escola pode formar leitores competentes. E dessa forma foram todas certificadas, visto que, o trabalho docente corrobora positivamente na construção de leitores e escritores competentes para além do espaço escolar, e, sobretudo, que a falta de atividades estimulantes de leitura e escrita são prejudiciais para qualquer modalidade de ensino, inclusive não notamos essa ausência na escola campo.

O nosso estudo mostrou que os professores são leitores e escritores “reais” e com propostas incentivadoras, os quais destacamos a elaboração de projetos de leitura, rodízio e empréstimos de livros, tarefas individuais e coletivas, práticas constantes do ato de ler e escrever e ainda a promoção dos programas pertinentes ao estudo, como o Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa (PNAIC) e dentre outros.

Diante do exposto, podemos afirmar que as práticas desenvolvidas pelos professores pesquisados contribuem com a formação de cidadão que adquirem o gosto pela leitura e pela escrita. Isto faz com que a escola cumpra com sua formação social, especialmente, quando esses docentes fazem planejamentos centrados em atividades sobre a ação de ler e escrever bem sucedidas, desde os anos iniciais. Todavia, observamos que a mesma lida com problemas de aprendizado, por exemplo, reprovações ao fim do ano letivo, dificuldades para fazer leituras naturalmente, escrever corretamente.

Enfim, nosso trabalho colaborou positivamente para a ampliação de novos conhecimentos, os quais podemos ligar as realidades alcançadas durante a trajetória de sua construção. Assim, pudemos ver como vem sendo transmitido o

ensino da leitura e escrita nos anos iniciais, constatando não só os inúmeros discursos de autores diversos e indo bem mais além. Por meio disso, almejamos que nossa descrição monográfica conceda uma nova visão acerca da perspectiva de que o ato de ler e escrever deve despertar gosto e prazer nos discentes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Entre a Ciência e a Sapiência: O dilema da educação**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BRASIL; MEC. **Programa de formação de Professores Alfabetizadores (PROFA)**. Brasília: Ática, v. 1,2,3. 2001.

_____. Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BERENBLUM, Andréa. **Por uma política de formação de leitores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CONSTRUÇÃO DA ESCRITA: parte 1. São Paulo: Nova Escola, 2016. Gestão Educacional. Disponível em <<http://novaescola.org.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/alfabetizacao-video-profa-construcao-escrita-parte-1-545605.shtml>> Acesso em: 16 jan. 2016.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 4. ed. tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes: retradução e cotejo de textos Sandra TrabuccoValenzuela. – São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010. Retradução e cotejo de textos Sandra Trabucco.

FERREIRO, Emilia; PALACIO, Margarita Gomes. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**: trad. Luiza Maria Silveira. – 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Qualidade na Educação: Uma nova abordagem**. 2013. Congresso de Educação Básica: Qualidade na Aprendizagem. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2003_16.22.16.85d33681692786aa2c7c7daa4389040f.pdf> Acesso em: 14 maio 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1946.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JEAN, Georges. **A escrita: memória dos homens**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **Pesquisa social: teoria, método, criatividade**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NÓVOA, António. **Formação de Professores e Formação Docente**. 1992. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2016.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Projetos: Em busca de uma práxis. In: NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia de Projetos: Uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. 7. ed. São Paulo: Érica, 2007. Cap. 5. p. 75-117.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes**. RN. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

RICHARDSON, RobertyJarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RUSSO, Maria de Fatima. **Alfabetização: um processo em construção**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Bela Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. Cláudia Shilling.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtiva**. Porto Alegre: Artmed, 2003. Ana Maria Neto Machado.

TEBEROSKY, Ana; FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999. Diana MyrianLichtenstein, Liana di Marco, Mário Corso.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS



**CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA**

QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES

Olá. Esta pesquisa objetiva investigar de que forma a prática pedagógica do professor pode contribuir para desenvolver o gosto e o prazer pela leitura.

Obrigada pela contribuição!

QUESTÕES INICIAIS

Data de preenchimento do questionário: ____/____/____

Hora:.....

Sexo: Masc. Fem.; Outros, qual?.....

Idade:.....

Localidade aonde reside: zona rural; zona urbana;

Outros, qual?.....

Cidade:..... Estado:.....

FORMAÇÃO:

Magistério na modalidade normal

Ensino médio ; Ensino superior incompleto ; Completo ;

Ano de conclusão:

Universidade que cursou o ensino superior:

.....

.....

Pós-graduação,

qual?.....

.....

.....

Outros:.....

.....

Nº de alunos da sala:..... Turno:

Turma:.....

Tempo de atuação na

profissão.....

Outras

experiências:.....

.....

Efetivo Contratado

1. O que-você gosta de ler?

Textos literários Drama

Textos jornalísticos Comédia

Curiosidades Fantasia

Romance Ficção

11. Os projetos de leitura e escrita estão contribuindo para:

Desenvolver o gosto e o prazer pela leitura

Melhora a produção escrita

Ampliar a participação dos alunos

Aumenta o interesse dos alunos pela leitura

Aproxima a família da escola

Complemento:.....

.....

12. Quais as maiores dificuldades que você enfrenta em desenvolver práticas de leitura e escrita?

Falta de livros para leitura

Fatores emocionais

Apoio escolar por parte da gestão

Pouco interesse dos por parte dos alunos

Gêneros textuais inadequados

Os alunos ainda não convencionalmente, ou seja, ainda não estão alfabetizados.

Não disponho de tempo na rotina para leitura

Complemento:.....

.....

13. O que você propõe para diminuir estas dificuldades?

Campanhas de incentivo à leitura e escrita

Reconhecimento e identificação de palavras

Incluir na rotina roda de leitura

Ler para e com os alunos diariamente

Inserir projetos de leitura no PPP na escola

Trabalhar a pedagogia de projetos focando leitura

Rodizio de empréstimo de livros para ler em casa

Reunir os familiares para apresentar o projeto de leitura

Complemento:.....

.....

14. O ensino aprendizagem de leitura e escrita contribui para a formação de leitores e escritores?

Sim Não

15. A leitura e a escrita necessitam caminhar juntas,

Poesia

2. Com que frequência você ler?

- Semanalmente Mensalmente
 Quinzenalmente Todos os dias

3. Como ser um (a) bom (a) leitor (a)?

- Ler sempre
 Prestar atenção
 Frisar aspectos positivos e negativos
 Formular questões
 Ter compreensão do que se ler sem modificações

4. Como é sua rotina semanal em sala de aula referente à leitura e a escrita?

Leitura em voz alta de textos literários

- Leitura e escrita de títulos de livros
 Reconto de histórias
 Leitura e escrita dos nomes dos alunos
 Leitura de textos informativos
 Produção coletiva

5. O que você faz para atrair a atenção dos alunos em suas salas de aulas, e promover o gosto e o prazer pela leitura e escrita?

- Leitura oral Leitura silenciosa
 Leitura visual Leitura compartilhada
 Leitura coletiva Parlendas
 Rótulos Jornais

6. Quais gêneros textuais seus alunos mais gostam de ler?

- Romance Notícia
 Artigo de opinião Fábula
 Lenda Carta
 Conto Poesia

8. Como você estimula a prática de escrita em suas aulas?

- Produção de carta Ditados;
 Produção de textos individuais Bilhetes
 Produção de textos coletivos Poemas

9. A escola trabalha com algum projeto de leitura e escrita?

- Sim Não

uma vez que, aquele que tem o gosto e o prazer pela leitura, possivelmente desenvolverá uma boa escrita.

- Concordo
 Discordo
 Nem concordo nem discordo;

16. Uma prática constante de leitura e escrita é base para o desenvolvimento de “bons” leitores e escritores

- Concordo
 Discordo
 Nem concordo nem discordo;

17. A instituição escolar precisa desempenhar trabalhos que despertem o gosto e o prazer por leitura e escrita?

- Concordo
 Discordo
 Nem concordo nem discordo

18. Se o docente não demonstra sentir gosto pela leitura, ele pode influenciar o aluno, por falta de exemplo próprio?

- Concordo
 Discordo
 Nem concordo nem discordo

19. Práticas de leitura e escrita que não motivem o aluno a sentir desejo de ler e escrever não podem ser consideradas enquanto práticas pedagógicas eficazes.

- Concordo
 Discordo
 Nem concordo nem discordo

20. Uma biblioteca na escola, com um bom acervo de livros, pode ser um incentivo, tanto aos discentes, quanto docentes e comunidade escolar.

- Concordo
 Discordo
 Nem concordo nem discordo

10. Com que frequência você trabalha com projeto de leitura e escrita?

- | | |
|--------------------------------------|-----------------------------------|
| <input type="radio"/> Todos os dias | <input type="radio"/> Mensalmente |
| <input type="radio"/> Semanalmente | <input type="radio"/> Raramente |
| <input type="radio"/> Quinzenalmente | |